

Sarney deixa posto, mas mantém liderança

GAZETA MERCANTIL

por César Felício
de Brasília

O senador José Sarney (PMDB-AP) despediu-se ontem da presidência do Senado Federal com significativos ganhos em seu capital político. Quando assumiu, em 1995, teve que superar dentro da sua bancada dois competidores, Pedro Simon (RS) e Íris Rezende (GO), e já havia suado a cami-

sa, dois meses antes, para garantir a eleição de sua filha Roseana para o governo do Maranhão. Ele deixa a presidência da Casa como principal liderança dentro de seu partido. É a peça decisiva para a opção peemedebista nas eleições presidenciais de 1998.

Em dois anos como presidente do Senado, manteve uma distância respeitável do presidente Fernando Henrique Cardoso, seu ex-líder do governo no Congresso à época em que ocupou a presidência da República e com quem rompeu politicamente em 1988, quando Fernando Henrique se tornou um dos fundadores do PSDB. Foi uma relação marcada por ameaças de rompimento em público e frágeis reconciliações em encontros fechados. Nas quedas de braço que teve com Fernando Henrique, contudo, o atual presidente sempre levou a melhor.

Foi assim na malograda CPI dos Bancos, que Sarney apoiou e Fernando Henrique conseguiu arquivar, em março de 1996. Também foi na questão das patentes, do projeto de lei que impediria a privatização da Companhia Vale do Rio Doce e na prorrogação da vigência do Fundo Social de Emergência.



José Sarney

O último confronto entre os dois ainda está inconcluso: Sarney apoiava a manobra obstrucionista de parte do PMDB no momento em que a emenda da reeleição foi votada em primeiro turno pela Câmara, na semana passada, e só recuou quando percebeu que a derrota era inevitável. A última reconcilia-

ção foi selada três dias antes da votação, em um jantar com Fernando Henrique até hoje cercado de sigilo.

Agora, o senador programa-se para sumir momentaneamente do noticiário. Ele viajará na próxima semana para a França, onde ficará 15 dias, "cuidando de interesses literários", afirmou. O motivo oficial da viagem será supervisionar a tradução para o francês de seu mais recente livro, "O Dono do Mar". Ele assegurou a amigos, contudo, que estará de volta em março, para

acompanhar a votação da emenda da reeleição no Senado.

Ele afirma que não há crise alguma dentro do PMDB pela derrota do candidato do partido, Íris Rezende, à sua suc-

cessão. "O PMDB sempre viveu momentos de ascensão, de glória, de depressão. Este é apenas mais um episódio na vida do partido", afirmou. Embora tenha publicamente defendido Íris, a maioria dos senadores acredita que ele é o dono do único voto em branco registrado na eleição. Tendo tanto Íris como ACM como ex-ministros seus, ele teria decidido não se indispor com nenhum dos dois.

Nas quedas de braço com FHC, o presidente da República sempre levou a melhor